

Relações temporais e causais em textos de História

Marta Filipe Alexandre & Fausto Caeles

CELGA-ILTEC; Universidade de Coimbra || ESECS-IPL

X IPCE; Leiria





Nesta apresentação ...

Contributos da Linguística para a Didática das História:

- Descrição dos textos usados em sala de aula
- Caracterização das suas exigências de leitura/escrita

1. Introdução
2. Relatos e Explicações: uma visão tipológica
3. Relatos e Explicações: uma visão topológica
4. Do Relato à Explicação: um percurso de ensino-aprendizagem



O português nas outras disciplinas

- Baixos níveis de literacia de alunos portugueses (cf. Provas de Aferição; ME/IAVE, 2017)
- Dificuldades transversais ao currículo, manifestando-se tanto na disciplina de Português, como nas restantes disciplinas (por ex.: Matemática, História, Ciências Naturais)
- Necessidade de integrar práticas de ensino e treino da literacia em todas as disciplinas (ME, 2017)



O português nas outras disciplinas

Projeto

Textos, géneros e conhecimento – Para o mapeamento dos usos disciplinares da língua nos diferentes níveis de ensino.

Equipa

Núcleo temático “Discurso e Práticas Discursivas Académicas” CELGA-ILTEC, UC

Objetivo

Caracterizar os usos escolares da língua, distinguindo entre:

- níveis de ensino
- áreas de conhecimento



Mais informações em: <https://sites.ipleiria.pt/pge/>



Trabalho prévio

Organização dos textos de História em três grandes categorias genológicas, em função do seu propósito sociocomunicativo:

- **Relatórios** – textos que descrevem realidades históricas, sem envolver uma organização temporal,
- **Relatos** – textos que relatam eventos históricos, organizados em torno de um eixo temporal,
- **Explicações** – textos que explicam eventos históricos, organizados em função de relações de causa e efeito.

Proposta de Caeles & Quaresma (2019), baseada em Coffin (2006) e Rose & Martin (2012) (Linguística Sistémico-Funcional; abordagem de género da “Escola de Sydney”)

DESCREVER
COMO ERA A VIDA NO PASSADO?

TEXTO 1

Como estavam organizados os mosteiros?

Muitos mosteiros foram construídos em terras doadas pelo rei, dispondo de vastas propriedades em seu redor. Estes edifícios religiosos eram grandes construções, com diversos espaços:

- a igreja, onde, por exemplo, tinham lugar as missas e os funerais;
- a sala do capítulo, local de reunião e de leitura da Bíblia;
- o claustro, espaço de passeio, estudo e meditação;
- a albergaria, local de descanso dos peregrinos;
- a enfermaria, onde se prestava assistência aos doentes.

Além desses locais, havia ainda a biblioteca, os dormitórios, o refeitório, as cozinhas e as despensas.

(Sousa, L., Soares, L. & Albino, M. (2016)



O texto situa-se no passado, mas não avança no tempo.

Ausência de uma estrutura textual cronológica

NARRAR

O QUE ACONTECEU NO PASSADO?

TEXTO 2

A morte de D. Sebastião e a sucessão ao trono

Em 1557, quando D. João III morreu, sucedeu-lhe o neto, D. Sebastião, uma vez que o pai deste já tinha morrido. Como D. Sebastião tinha apenas três anos, a regência do reino ficou a cargo, primeiro, da sua avó, D. Catarina e, depois, do cardeal D. Henrique, seu tio-avô.

Em 1568, D. Sebastião, com 14 anos, assumiu o governo do reino.

O jovem rei preparou um exército com cerca de 18 000 homens e, em 1578, partiu para o Norte de África, para combater os Muçulmanos. Em agosto, na batalha de Alcácer Quibir, após longa caminhada, o exército português foi derrotado pelo exército muçulmano. Nesta batalha, morreram cerca de nove mil portugueses e quase todos os restantes foram feitos prisioneiros. D. Sebastião morreu também na batalha, sem ter deixado descendentes.

Após a morte de D. Sebastião, subiu ao trono o seu tio-avô, o cardeal D. Henrique, que já tinha sido regente entre 1552 e 1568. A sua principal preocupação foi resolver o problema da sucessão.

(Matias, A., Oliveira, A. R. & Cantanhede, F., 2016)



O texto dá conta de eventos do passado, ordenando-os no tempo

Estrutura textual cronológica

EXPLICAR

QUAIS AS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DOS ACONTECIMENTOS PASSADOS?

TEXTO 3

A animação dos núcleos urbanos

O ressurgimento económico permitiu a reanimação das cidades. Assistiu-se a um aumento da população urbana que, em parte, se instalou fora das antigas muralhas, originando um burgo novo ou de fora, à volta do qual era construído uma nova muralha (doc. 4). Os habitantes do burgo novo designavam-se por "burgueses" e eram, essencialmente, artesãos e comerciantes.

A medida que a população das cidades foi crescendo, foi aumentando e especializando-se a produção artesanal. Os artesãos, como ferreiros, sapateiros, ourives, agruparam-se em profissões, dando assim origem, por exemplo, em Lisboa, à rua dos Sapateiros e à rua do Ouro. Estes agrupamentos de profissões contribuíram para os artesãos exercerem maior influência junto do rei.

Entre os comerciantes, alguns enriqueceram, especialmente, devido ao comércio internacional.

(Oliveira, A. R. et al., 2014)



O texto dá conta de eventos do passado, ordenando-os logicamente

Estrutura textual causal com relações temporais implícitas



Objetivos do presente trabalho

Caracterizar melhor o Relato e a Explicação, identificando pontos de divergência e de contacto

Compreender a relação (se existente) entre estes dois géneros, por um lado, e os conteúdos programáticos de História e os níveis de escolaridade, por outro

Corpus:

Estudo do Meio	1.º ciclo	4.º ano ¹	25 textos
História e Geografia de Portugal	2.º ciclo	5.º ano	6 textos
		6.º ano	4 textos
História	3.º ciclo	7.º ano	6 textos
		8.º ano	4 textos
		9.º ano	5 textos
<i>Total</i>			<i>50 textos</i>

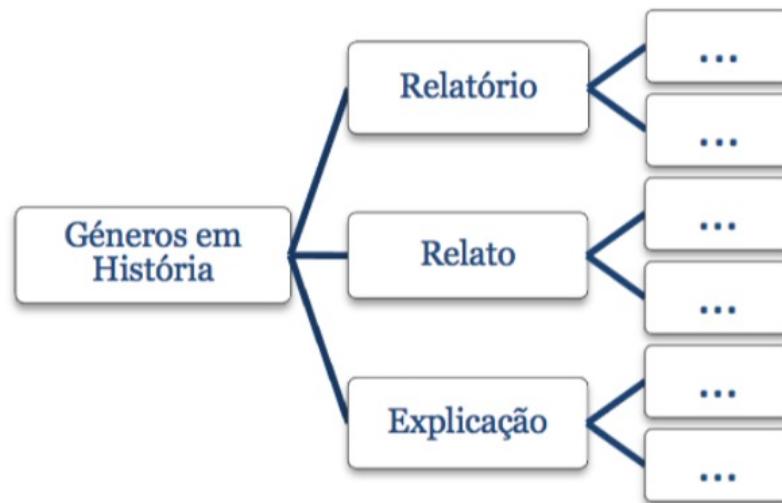


Relatos e Explicações: Uma visão tipológica



O que se entende por “visão tipológica”?

- Organização dos géneros num sistema taxonómico (ou **tipologia**), em que os vários tipos se excluem mutuamente.



- Numa perspetiva tipológica, um texto de História constitui um Relato OU uma Explicação (OU um relatório), nunca podendo pertencer a mais do que um género ao mesmo tempo.
- No nosso corpus, os Relatos “puros” perfazem 26% e as Explicações “puras”, 12% (exemplos nos diapositivos seguintes)



Exemplo de um Relato histórico

TEXTO A

Que conquistas foram feitas aos mouros?

D. Afonso Henriques conquistou várias terras aos mouros. Já em 1139 os tinha derrotado na batalha de Ourique.

Em 1145, conquistou Leiria. Em 1147, os homens de D. Afonso Henriques aproveitaram a escuridão da noite para tomar de assalto a cidade de Santarém. Ainda em 1147, Lisboa foi cercada com a ajuda de cruzados e de máquinas de guerra, acabando os muçulmanos por se render ao fim de quatro meses. Muitos mouros foram presos e escravizados. Após se apoderar de Lisboa, D. Afonso Henriques conquistou terras a sul do rio Tejo, como Palmela, Alcácer do Sal, Évora e Beja. Quando morreu, em 1185, os mouros já tinham recuperado algumas das terras, a sul do rio Tejo.

(Sousa, Soares & Albino, 2016, p. 62)



Exemplo de uma Explicação histórica

TEXTO B

A ocupação de novos espaços

Com uma população cada vez mais numerosa, tornou-se necessário ocupar novos espaços. Assim, em grande parte por iniciativa dos reis e dos grandes senhores (do clero e da nobreza), procedeu-se ao movimento das arroteias (doc. 3), com o objetivo de aumentar as áreas de cultivo. Por toda a Europa, os senhores, para atrair e fixar mão de obra nas suas propriedades que então se constituíam, diminuíram as obrigações que exigiam aos seus camponeses. Esta mudança na relação entre os senhores e os camponeses livres beneficiou também os servos (trabalhadores não livres) que viviam nos domínios senhoriais pois, para tentar impedir que abandonassem as suas propriedades, os senhores concediam a muitos deles a liberdade, a troco de uma quantia em dinheiro.

Assim, em alguns espaços europeus como, por exemplo, em Portugal (onde existia muita terra livre no sul do reino devido à Reconquista Cristã, que decorreu neste período), os senhores, para evitar a fuga dos camponeses não livres para essas terras, concederam-lhes melhores condições de vida, contribuindo para o fim da servidão.

(Oliveira et al., 2014, p. 153)



Limitações da visão tipológica

- Como analisar os restantes 64% de textos que incluem tanto características dos Relatos (recursos temporais), como características das Explicações (recursos causais e intencionais), como este:

TEXTO C

A alteração das forças em confronto durante a guerra das trincheiras

Em 1917, enquanto decorria a guerra das trincheiras, deram-se duas alterações significativas nas forças em conflito:

- em abril, o presidente americano Wilson declarou guerra à Alemanha em virtude desta ter desencadeado uma guerra submarina no Atlântico, que levou ao afundamento de barcos americanos que transportavam alimentos e armas para França e Inglaterra;
- em outubro, na Rússia, os bolcheviques tomaram o poder e, para salvarem a revolução, retiraram-se da guerra e, depois, assinaram a paz com a Alemanha.

Assim, a relação de forças em confronto alterou-se. De imediato, os alemães lançaram uma desesperada ofensiva no norte de França, no sentido de atingirem Paris antes da chegada das tropas americanas. Recomeçava, então, a guerra de movimento (doc.2).



Relatos e Explicações: Uma visão topológica

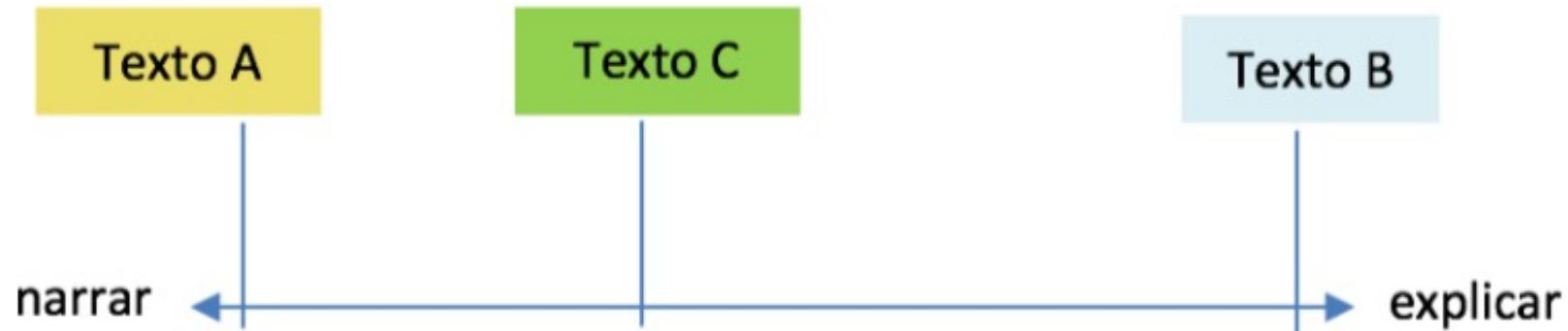


O que se entende por “visão topológica”?

- Topos = lugar
- Na visão topológica, os géneros são posicionados ao longo de um ou vários eixos, em função das suas características.
- Os géneros deixam de ser vistos numa perspetiva binária (que obriga a distinções categóricas), prestando-se mais atenção aos seus pontos de convergência e de divergência .
- A visão topológica revelar-se especialmente útil na classificação de textos particulares.
- Propomos um contínuo formado pelos propósitos sociocomunicativos *relatar* e *explicar*, sendo que os textos dos manuais podem ser posicionados em qualquer ponto deste contínuo.



Arrumação topológica de textos





Visões em confronto

- A visão topológica não substitui a visão tipológica. Ambas têm a sua utilidade em contexto pedagógico.
- A visão tipológica dá a conhecer o Relato e a Explicação como protótipos textuais, motivados por dois propósitos sociocomunicativos distintos e indispensáveis ao estudo do Passado: *narrar acontecimentos* vs. *explicar acontecimentos*.
- É importante que os alunos conheçam estes propósitos e dominem (na perspetiva da compreensão e da produção) os recursos textuais, gramaticais e lexicais a eles associados.
- A visão topológica, por seu turno, mostra que os dois propósitos se podem complementar no estudo do Passado, proporcionando um conhecimento mais detalhado e nuançado.
- É importante que os alunos saibam conjugar estes propósitos, em dosagens diferentes, seja na leitura, seja na escrita.



Do Relato à Explicação: um percurso de ensino-aprendizagem



Do Relato à Explicação

- Os Relatos “puros” verificam-se apenas em manuais do 1.º e 2.º ciclos do EB
- Textos que se limitam a relatar acontecimentos constroem uma visão mais simples do passado – como se de um mero registo fotográfico se tratasse. Inevitavelmente, promovem também uma visão simplificada dos acontecimentos.
- À medida que a escolaridade avança, os textos de História vão incorporando outros tipos de informações, para além da dimensão estritamente temporal.
- Esse enriquecimento passa, crucialmente, pela integração de mais informação causal.

narrar



explicar



O mesmo tópico em ciclos de ensino diferentes

TEXTO D

A morte de D. Sebastião e a sucessão ao trono

Em 1557, quando D. João III morreu, sucedeu-lhe o neto, D. Sebastião, uma vez que o pai deste já tinha morrido. Como D. Sebastião tinha apenas três anos, a regência do reino ficou a cargo, primeiro, da sua avó, D. Catarina e, depois, do cardeal D. Henrique, seu tio-avô.

Em 1568, D. Sebastião, com 14 anos, assumiu o governo do reino.

O jovem rei preparou um exército com cerca de 18 000 homens e, em 1578, partiu para o Norte de África, para combater os Muçulmanos. Em agosto, na batalha de Alcácer Quibir, após longa caminhada, o exército português foi derrotado pelo exército muçulmano. Nesta batalha, morreram cerca de nove mil portugueses e quase todos os restantes foram feitos prisioneiros. D. Sebastião morreu também na batalha, sem ter deixado descendentes.

Após a morte de D. Sebastião, subiu ao trono o seu tio-avô, o cardeal D. Henrique, que já tinha sido regente entre 1552 e 1568. A sua principal preocupação foi resolver o problema da sucessão.

(Matias, Oliveira & Cantanhede, 2016, p. 170)

TEXTO E

A perda da independência de Portugal em 1580

Em 1578, o rei D. Sebastião, interessado em restaurar o prestígio de Portugal no Norte de África, avançou com um exército para Marrocos. Mas foi mal sucedido, pois morreu, com milhares de portugueses, na batalha de Alcácer-Quibir.

Como D. Sebastião não tinha irmãos nem descendentes, sucedeu-lhe o cardeal D. Henrique (1512-1580), seu tio-avô. Velho e igualmente sem descendentes, não conseguiu resolver o problema da sucessão. Entre os principais candidatos ao trono, contavam-se D. Catarina de Bragança, Filipe II de Espanha e D. António, Prior do Crato (doc. 5). Cada um destes candidatos tinha apoiantes na sociedade portuguesa.

Em 1580, morreu o cardeal D. Henrique (sem designar sucessor) e as tropas castelhanas invadiram Portugal sem grande oposição. Para legitimar a subida ao trono, Filipe II mandou reunir Cortes de Tomar (1581). Nas jurou respeitar as leis, a língua e os costumes do país, atribuir cargos administrativos em Portugal e no império português somente a portugueses e governar os dois reinos de forma autónoma (monarquia dualista) (doc. 6).

Filipe II (Filipe I de Portugal) respeitou as promessas feitas em Tomar. Mas, com os seus sucessores, tudo se complicou. Para isso contribuiu a ascensão económica e colonial de países da Europa do Norte.

(Barreira & Moreira, 2014, p. 42)

	TEXTO D (5.º ano)	TEXTO E (8.º ano)
Recursos temporais	8	5
Recursos causais	3	8



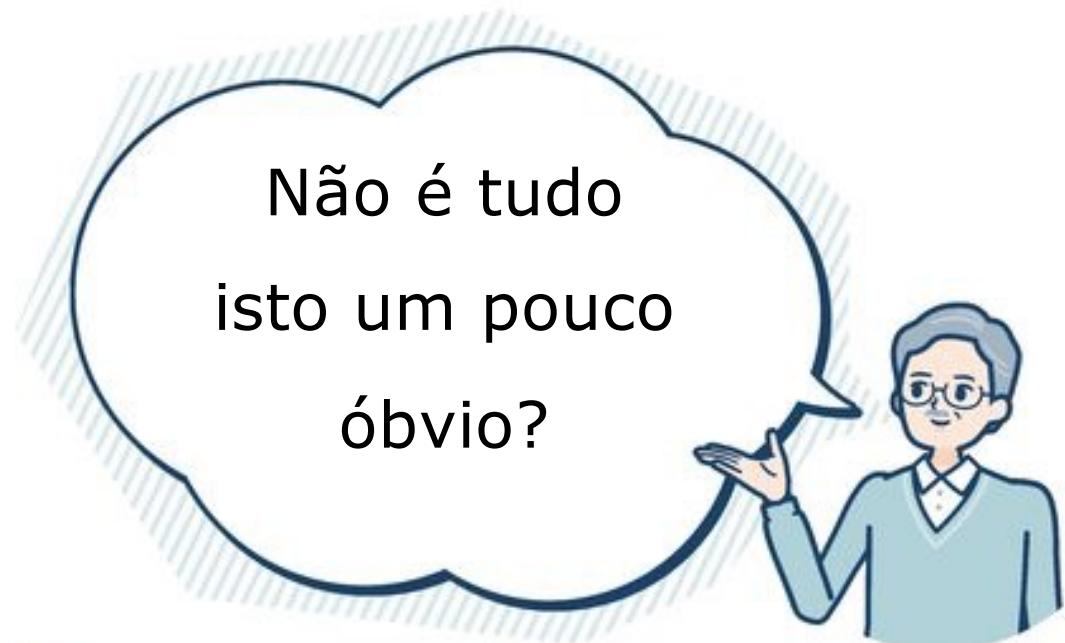
Conclusões

- RELATAR ≠ EXPLICAR
- Cada propósito motiva um género textual distinto (perspetiva tipológica).
- Cada propósito requer recursos gramaticais e lexicais próprios.
- Um mesmo texto pode combinar, em doses diferentes, os dois propósitos (perspetiva topológica).
- O currículo transita, gradualmente, de uma ênfase no propósito relatar, a uma visão mais complexa do passado, em que as relações causais se entrecolocam e sobrepõem às relações temporais.



Conclusões

- RELATAR ≠ EXPLICAR
- Cada propósito motiva um género textual distinto (perspetiva tipológica).
- Cada propósito requer recursos gramaticais e lexicais próprios.
- Um mesmo texto pode combinar, em doses diferentes, os dois propósitos (perspetiva topológica).
- O currículo transita, gradualmente, de uma ênfase no propósito relatar, a uma visão mais complexa do passado, em que as relações causais se entrecolocam e sobrepõem às relações temporais.

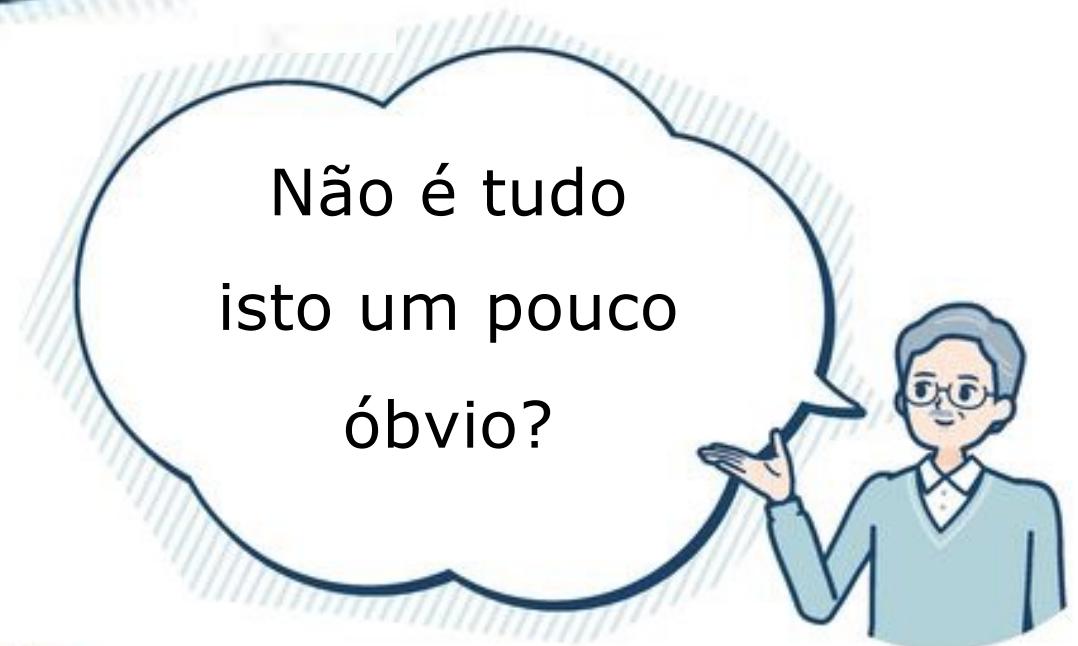




Conclusões



**Sim, mas só depois
de se explicitar!**



**Não é tudo
isto um pouco
óbvio?**



Conclusões

(...) muitos professores não distinguem entre relatos históricos e explicações históricas e, portanto, poderá ficar em aberto a possibilidade de os estudantes estabelecerem relações causais entre os eventos. Da mesma forma, também se pode dar o caso de os estudantes não saberem exatamente quais são as expectativas do professor em relação a uma determinada tarefa de escrita. Isto sugere que as tarefas devem ser formuladas em termos claros e inequívocos e, se possível, ser apoiadas por orientação e apoio suplementares para assegurar que os estudantes produzem o género visado.

(Coffin, 2006)



Conclusões

Os conhecimentos esboçados nesta apresentação podem contribuir para a planificação e implementação de abordagens pedagógicas **integradas**, que atendem simultaneamente à língua e ao conteúdo.

Ou seja, para incorporar práticas de leitura e de escrita nas suas aulas, o professor de História não precisa de definir metas de literacia adicionais, desfasados dos conteúdos e saberes programáticos.

Partindo do reconhecimento de que há (pelo menos) dois propósitos essenciais ao estudo do Passado histórico (relatar e explicar acontecimentos), o professor poderá ajudar os alunos na identificação e apropriação dos recursos linguísticos (textuais, gramaticais, lexicais) associados a esses propósitos.